

Mídia, imigração e interculturalidade: mapeando as estratégias de midiaticização dos processos migratórios e das *falas* imigrantes no contexto brasileiro

Denise Cogo*

Resumo

O artigo apresenta reflexões voltadas à compreensão dos processos de produção de sentido sobre a experiência da imigração na mídia impressa brasileira, no marco das especificidades assumidas pelos fenômenos migratórios contemporâneos. A partir das inter-relações entre processos de midiaticização, experiência imigratória e interculturalidade, é desenvolvido neste artigo um mapeamento inicial e uma análise discursiva sobre as estratégias de enunciação das imigrações e das *falas* imigrantes, por meio do estudo de uma amostra de mídias impressas brasileiras. Tratam-se de reflexões parciais que integram um projeto de pesquisa cujo objetivo é a análise das construções de sentido sobre a imigração, proposto pela mídia impressa nas suas interfaces com as dinâmicas socioculturais e as práticas cotidianas, vivenciadas por distintas categorias imigrantes no contexto brasileiro e por organizações voltadas ao trabalho com a imigração.

Palavras-chave: mídia, imigração, interculturalidade.

“O incremento da informação e a abertura do horizonte transnacional de referências complexifica e torna mais sutil a compreensão dos *outros* ou leva a repetir os esquemas binários, maniqueístas que dividem o mundo entre dominantes e dominados, modernos e tradicionais, centros e periferias?”¹ A indagação, formulada pelo pesquisador dos estudos culturais latino-americanos Néstor Garcia Canclini, oferece uma síntese da complexidade que vai sendo imposta às sociedades contemporâneas por uma das principais experiências socioculturais da atualidade: as imigrações.

* Doutora em Comunicação e professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, São Leopoldo, RS.

A exemplo de outros autores em distintos contextos acadêmicos, como Stuart Hall, Manuel Castells e Octavio Ianni, a presença de imigrantes nos países ocidentais tem conduzido a uma pluralização cultural crescente no interior dos estados-nação, ao mesmo tempo em que vai provocando reconfigurações dos vínculos entre nações e territórios, via a (re) atualização cada vez mais rápida e fluida de imagens e representações culturais sobre os *Outros*. É como se a rapidez na circulação da informação e das imagens contribuisse, como enfatiza Marc Augé, para apagar a dimensão mítica dos demais. “Os *outros* já não são diferentes, ou mais exatamente, a alteridade continua existindo, somente que os prestígios do exotismo se desvaneceram [...] . O *outro*, sem os prestígios do exotismo, é simplesmente o estrangeiro, freqüentemente temido, menos porque é diferente que por estar demasiadamente próximo de nós”².

Contestar os contornos estabelecidos das identidades nacionais e da própria supremacia da cultura ocidental torna-se a principal repercussão das dinâmicas e confrontos culturais intensificados pela complexidade que assumem os fenômenos migratórios, colocando em questionamento alguns dos principais modelos de gestão cidadã da diferença, como o assimilacionista francês e o pluralista inglês, que têm inspirado as próprias políticas de imigração nos países ocidentais.

A atualidade das dinâmicas multiculturais é lida, em grande medida, como intensificação dos processos migratórios intra e extra-comunitários, acelerados pela globalização da economia e pelo incremento das novas tecnologias da comunicação. Ao intenso movimento de mercadorias, imagens, estilos ocidentais e identidades de consumo tem correspondido, segundo Stuart Hall, um movimento similar de pessoas das periferias para o centro, configurando o que o autor caracteriza como “um dos períodos mais longos e sustentados de migração *não planejada* da história recente”³.

Se, no século passado, o continente europeu foi um produtor abundante de emigrantes econômicos, refugiados políticos ou de pessoas que simplesmente decidiam viver em outros países, esse quadro se inverte, sobretudo com o final da Segunda Guerra Mundial, quando várias nações européias recorrem à imigração, tanto intracomunitária quanto extra-comunitária, a fim de suprirem as deficiências de mão-de-obra geradas, em um primeiro momento, pela reconstrução pós-guerra e, posteriormente, pela própria expansão econômica do continente. A partir dos anos 50, entre 20 e 30 milhões de estrangeiros

entram na Europa Ocidental, dos quais cerca de 20 milhões acabam se instalando, de forma permanente, nos países europeus industrialmente mais desenvolvidos. Nos anos 90, a diversidade cultural dos imigrantes estabelecidos nos Estados Unidos já é percebida “como um verdadeiro desafio para a identidade do país.” Caso persistam as atuais tendências de imigração e natalidade, segundo estimativas da Oficina de Censo Americana, no ano 2050, haverá nos Estados Unidos 23% de hispânicos, 16% de negros e 10% de asiáticos-americanos. Paralelamente ao decréscimo do aporte europeu à imigração americana e à crescente multiplicidade de origens, se acentua a diversidade de status socioeconômico dos novos imigrantes. Entre os filipinos, chineses, taiwaneses, japoneses, mexicanos, colombianos e salvadorenhos que escolheram os Estados Unidos como destino encontra-se um número significativo de homens de negócios, engenheiros, advogados, médicos, cujo salário médio é equivalente ou até ultrapassa o dos americanos. Muitos deles não demoram, inclusive, a se integrar a uma classe média norte-americana.

“É mais simples fazer investimentos em um país estranho do que se tornar cidadão”, acrescenta Garcia Canclini, para alertar sobre o tipo de protagonismo reservado às imigrações contemporâneas na constituição dos mercados regionais e ao mesmo tempo registrar que, em ritmo similar ao das alianças econômicas e, articuladas a elas, as barreiras às imigrações têm se transformado em um dos principais temas da pauta dos acordos de livre comércio e integração regional no cenário da globalização.

Para o autor, os intercâmbios econômicos pouco ou nada têm contribuído para alterar antigas polarizações que, construídas durante os períodos da Conquista e da colonização, perpetuam os estereótipos em relação aos *Outros* imigrantes. Exemplo é a reprodução de discriminações dos europeus em relação aos latino-americanos e a admiração inversa que nutrem os latinos diante dos europeus. Ao tratamento desigual de diversos países da Europa em relação a imigrantes e turistas oriundos da América Latina, corresponde, do lado latino-americano, a opção por um modelo de modernização que freqüentemente priorizou os alemães aos portugueses, assim como os ingleses e os franceses, em detrimento dos espanhóis

Lida por teóricos do multiculturalismo como fenômeno histórico que marca a condição humana e argumento epistemologicamente estratégico para a reafirmação da heterogeneidade das sociedades oci-

dentais, a imigração é uma principais experiências socioculturais que move hoje o campo acadêmico a nomear de *multicultural* as sociedades contemporâneas e a situar na dinamicidade e potencial de intervenção que encerra a categoria *interculturalidade*, as possibilidades de compreensão das inter-relações e tensões entre economia e cultura, entre mercados e identidades culturais, dinamizadas fundamentalmente nos dois cenários apontados por Garcia Canclini: a *indústria cultural* e a *cidade*.

Da enunciação das migrações na mídia impressa

No decorrer dos anos 80 e 90, o pesquisador Teun van Dijk, da Universidade de Amsterdã, desenvolveu um conjunto de estudos sobre racismo e meios de comunicação, enfatizando as representações das minorias étnicas constituídas de imigrantes na mídia impressa dos Países Baixos, da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. Dentre as várias conclusões das pesquisas de Van Dijk, destacam-se o silêncio sistemático ou a subvalorização de experiências da vida cotidiana, dos papéis não estereotipados e dos êxitos e contribuições dessas minorias no campo das artes, da política e da economia em favor de imagens negativas e de uma perspectiva de “criminalização” das experiências migratórias como especificidades do agendamento midiático no contexto das sociedades estudadas⁴.

Desde essas primeiras constatações de Van Dijk em torno da cobertura midiática das imigrações, as leituras e os sentidos em torno da intensificação e complexidade dos fluxos migratórios nas sociedades contemporâneas têm sido ofertados, de forma crescente, pelo campo midiático. A centralidade que assume a temática no contexto da sociedade global, as direções tomadas pelas imigrações, as repercussões econômicas e/ou socioculturais dos fenômenos migratórios, a necessidade de controle das fronteiras e de formulação de políticas de imigração no âmbito dos mercados regionais, como a Comunidade Européia e o Mercosul, assim como das diretrizes que devem pautar a gestão da “diferença” trazida pelo imigrados são alguns dos aspectos que compõem a pauta de debate sobre a imigração, que converge, no espaço público, fundamentalmente a partir desse amplo processo de midiática da experiência migratória contemporânea.

O entendimento sobre a construção, no contexto brasileiro, de uma agenda midiática sobre a experiência migratória começa a ser

construído a partir de uma aproximação empírica inicial com as “ofer-
tas de sentido” sobre a imigração em uma amostra de mídias impres-
sas brasileiras, entre agosto de 2000 e julho de 2001.⁵ A escolha da
mídia impressa como universo de estudo do fenômeno da imigração
justifica-se pelo fato de o jornalismo impresso, a despeito de não al-
cançar os índices de popularidade de mídias como a televisão, se cons-
tituir em esfera privilegiada de oferta de “sentidos” a autoridades, es-
pecialistas e demais atores sociais incumbidos da formulação de polí-
ticas e da tomada de decisões em diferentes campos sociais. No caso
do próprio debate público sobre a imigração, as suas repercussões e
representações nos espaços acadêmicos e midiático têm convergido
invariavelmente para a necessidade de adoção de políticas de controle
e regulação dos fluxos migratórios, assim como de políticas identitárias
orientadas à gestão da “diferença” representada pela presença dos
imigrantes no interior dos estados nacionais.

Para a compreensão das relações migração-mídia impressa,
adotamos os procedimentos de análise de textos/discursos, entendi-
dos como práticas sociais inseridas em contextos determinados. Na
perspectiva dessa contextualização, vislumbramos, como preconiza
Milton Pinto, que os participantes nessas práticas assumem o papel de
sujeitos, “no duplo sentido de assujeitados às determinações do con-
texto e de agentes das ações de produção, circulação e consumo dos
textos”⁶. Acolhemos, ainda, a perspectiva também postulada por
Pinto de que, para a análise dos discursos, todo o texto é híbrido ou
heterogêneo no que se refere à sua enunciação, “no sentido de que ele
é sempre um tecido de ‘vozes’ ou citações cuja autoria fica marcada
ou não, vindas de outros textos preexistentes, contemporâneos ou do
passado”⁷.

Um primeiro traço dessa produção de sentido da mídia brasileira
em torno dos processos migratórios contemporâneos diz respeito a
uma imigração que se espalha ou “migra” pela geografia dos jornais,
ocupando os espaços reservados às editorias internacionais e mundo,
nacional, cotidiano ou local, esporte, a educação, suplementos de cul-
tura e de turismo, cadernos de economia, assim como os espaços de
opinião dos jornais, tornando-se, em última instância, reveladora da
dispersão e fragmentação constitutiva de uma experiência migratória
vvida pelos atores sociais e, ao mesmo tempo, mobilizadora de dis-
tintos protagonistas institucionais nas narrativas propostas pelas mídias,
no contexto da globalização.

Uma tipologia preliminar da “mídiaização” das imigrações, constituída, sobretudo, pelas configurações que resultam dos fluxos migratórios ou das “direções” que tomam as imigrações na sociedade contemporânea, permite a identificação de algumas das especificidades que marcam a cobertura midiática sobre a imigração no contexto brasileiro:

a) as imigrações de nações “menos desenvolvidas” orientadas aos países pertencentes à Comunidade Econômica Européia;

b) os Estados Unidos como a “grande” nação receptora de imigrantes de distintas origens, especialmente as latino-americanas, incluindo a brasileira;

c) as especificidades e tensões da imigração nas fronteiras entre Estados Unidos e México;

d) os fluxos imigratórios internos ao Mercosul, representados, por exemplo, pelos chamados “brasiguaios”, e reveladores de uma oscilação conjuntural de lógicas e representações de “crise” e de “prosperidade” entre as nações e culturas integrantes do bloco econômico;

e) a imigração “ilegal” no contexto brasileiro, especialmente de imigrantes sul-americanos, como bolivianos e peruanos; e de asiáticos, como chineses e coreanos, reafirmadora de uma visão do Brasil como “nação hospitaleira” e destino privilegiado de imigrantes, no contexto da América do Sul;

f) a experiência imigratória asiática no contexto brasileiro, traduzida no êxito socioeconômico de descendentes de imigrantes japoneses e coreanos e (re) atualizadora de estereótipos sobre a presença das culturas asiáticas na constituição histórica do país;

g) as imigrações internacionais de atletas, no campo esportivo em que as lógicas do “mercado” aparecem associadas à da “contravenção”;

h) as imigrações “sofisticadas”, motivadas, sobretudo, pelo trabalho intelectual (a chamada “drenagem ou de evasão de cérebros”), tensionadoras das relações entre os chamados países “ricos” e “pobres” e reorientadas, mais recentemente, pela dinâmica de constituição dos mercados regionais (a migração recente, por exemplo, de pesquisadores da Argentina para o Brasil);

ï) as imigrações inter-regionais no contexto brasileiro, ressemantizadas em matérias midiáticas que focalizam protagonistas de dramas cotidianos envolvendo a exclusão social e a cidadania, con-

vertendo-se em ativadoras das distintas tensões e temporalidades regionais que marcam historicamente nossa constituição identitária.

O caráter de “criminalização”, observado por meio da análise de matérias midiáticas derivadas dessa tipologia, é outra marca da produção de sentido das mídias brasileiras em face de grande parte dessas experiências migratórias. Em matérias distribuídas, sobretudo, nas editoriais nomeadas como *Internacionais* ou *Mundo*, uma postura de consentimento da mídia nacional sobre representações “policialescas” dos *Outros*, estrangeiros e distantes, que parecem não nos dizer respeito, resulta, principalmente, de um olhar “emprestado” que chega das agências de notícias ou de matérias reproduzidas de jornais estrangeiros de grande circulação, como *El País* ou *New York Times*. Olhar que, em alguns casos, parece independer das fontes quando é redirecionado a imigrações mais próximas, em que aparece implicado um sentimento de identidade nacional, como é o caso da imigração brasileira em Portugal, dos bolivianos clandestinos em São Paulo ou dos médicos peruanos e bolivianos contratados irregularmente no Acre.

Nomeados como ilegais, clandestinos, irregulares, refugiados, deportados, os imigrantes são alvos de uma semantização negativa e “policialesca” que inclui intolerância, violência, desemprego, isolamento, preconceito, pobreza, condenação, fiscalização, deportação, expulsão, tráfico ou detenção. Os títulos de algumas das matérias mapeadas sugerem a ênfase em uma “criminalização” em que os imigrantes, embora cheguem a ocupar a posição de sujeito, aparecem, na maioria das vezes, como “pacientes” ou “experimentadores” das ações de “outros”, geralmente as autoridades ou os aparatos policiais.

“Imigrante ilegal cria problemas para Bush. (*Zero Hora*, 09/01/2001, p. 28)

“Itália quer uma polícia européia de fronteira.” (*Folha de São Paulo*, 28/02/2000, p. A8)

“Conservadores querem deter imigrantes.” (*Folha de São Paulo*, 19/05/2001, p. A17)

“Lei espanhola ameaça 30 mil imigrantes de expulsão” (*Folha de São Paulo*, 24/01/2001, p. A9)

“Casal é detido no Rio ao tentar embarcar ilegalmente chineses.” (*A Crítica*, 14/04/2001)

Brasiguaios submetidos a extorsão (*Zero Hora*, 18/03/2001, p. 39)

“20% dos médicos do Acre são clandestinos – peruanos e bolivianos são contratados sem obter equivalência do diploma” (*Folha de São Paulo*, 08/01/2001 – p. C6)

Aqui vale lembrar que, embora não constitua foco central da pesquisa do qual resulta este artigo, um certo caráter de enaltecimento e exaltação que assume a cobertura das chamadas imigrações históricas, especialmente nas abordagens do jornal gaúcho *Zero Hora*, sobre a trajetória de italianos e alemães no Sul do Brasil, em contraponto ao tom de “criminalização” que marca a cobertura das imigrações contemporâneas no mesmo jornal, contribuem para o entendimento das lógicas de fascínio e/ou rejeição que, conforme aponta Garcia Canclini, seguem pautando os vínculos entre nações e culturas no contexto da globalização, no que se refere, por exemplo, aos vínculos entre América Latina e Europa.

Da observação do caráter “policialesco” que marca a cobertura midiática da imigração, evidencia-se, ainda, um confronto enunciativo da experiência migratória contemporânea no corpo das mídias: a uma *migração simples* (dos *indesejados*), representada pelos ilegais, indocumentados, clandestinos e refugiados, contrapõem-se uma *migração sofisticada* (dos *desejados* e *disputados*), que, designada como “evasão ou drenagem de cérebros”, é representada pela mobilidade de acadêmicos e profissionais especializados em busca de melhor status profissional e ascensão socioeconômica.

Em uma mesma edição, do dia 15 de julho de 2001, o jornal *Folha de São Paulo* publica, na editoria *Cotidiano*, reportagem intitulada “Praça de SP vira ‘embaixada da Bolívia’”, retratando o cotidiano de imigrantes bolivianos que “procuram emprego e orientação de conterrâneos em feira aos domingos no Pari.” Enquanto que, no *Caderno de Empregos*, outra matéria intitulada “Visto é arma para atrair talento estrangeiro”, alude a um tipo de condição imigratória que privilegia os “profissionais tipo exportação”

“Há um tipo de pessoa que não corre o risco de ser deportada nem precisa ralar clandestinamente em subempregos fora do Brasil: o profissional qualificado. Até pelo contrário, ele é quase um convidado. Isso porque governos de alguns países lançam mão de programas de incentivo à imigração para facilitar a entrada de trabalhadores especializados [...]” (*Folha de São Paulo*, 15/07/2001).

Na mesma semana, outra reportagem do mesmo jornal, motivada pela reunião da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), em Salvador, sob o título “Brasil absorve cérebros (pesquisadores) de países vizinhos.”, evoca a reorientação que assumem os fluxos migratórios definidos pela mão-de-obra qualificada no contexto do Mercosul.

“O Brasil está causando ‘evasão de cérebros’ em países latino-americanos. Cientistas vindos de países vizinhos – com a Argentina no topo da lista – formam o maior contingente de estrangeiros trabalhando com vínculos permanentes em instituições brasileiras. Os números foram mencionados ontem na Reunião da SBPC em Salvador, em palestra sobre cooperação internacional e regional do CNPq, o principal órgão federal de fomento à pesquisa. Ao mesmo tempo, para evitar uma migração mais típica – a ida de brasileiros para instituições de pesquisa dos países ricos –, o MCT está criando o Programa de Fixação de Doutores (Profix)” (*Folha de São Paulo*, 18/07/2000).

A fusão dessas duas “imigrações” inscreve-se na chamada “imigração esportiva”, expressa naqueles casos em que atletas com “alta cotação” no mercado internacional, especialmente do futebol, aparecem envolvidos em episódios de transações ilegais para obtenção de passaportes falsos, que dão direito a vistos de trabalho. Exemplo é a polêmica da transferência do jogador Ronaldinho para o futebol francês, que merece a cobertura do jornal Zero Hora de 22/01/2001 ou a investigação, noticiada pela edição de 04/02/2001 da Folha de São Paulo, de 50 atletas estrangeiros pelo departamento de imigração e pela polícia italiana, incluindo o ex-capitão da seleção brasileira, Cafu, suspeito de utilizar passaporte falso.

A universalização da categoria de “imigrante” ou das categorias étnicas implicadas nos processos migratórios é outro registro encontrado nas operações discursivas das mídias. Quando não são designados de forma genérica como “imigrantes” ou “estrangeiros”, a despeito da imensa variedade de origens e experiências culturais que representam, são as nações, as regiões, os continentes ou mesmo a cor da pele, que servem de referência para atribuição de nomeações étnicas igualmente genéricas, como latino-americanos, caribenhos, asiáticos, paquistaneses, coreanos, bolivianos, brasileiros, brancos, negros, etc.

Essa “etnização” ou “racialização” das dinâmicas migratórias pressupõe não apenas uma certa homogeneidade, por parte das mídias, nas representações da imigração, mas sugere igualmente um esvaziamento do pluralismo cultural em que se ancoram as trajetórias dos imigrantes e sua inserção em distintos contextos socioculturais, favorecendo o apagamento ou diluição de outras posições identitárias, como as de classe, gênero, idade, religiosidade, etc., que compõem e dinamizam essas trajetórias.

“Um levantamento realizado pelo CRM (Conselho Regional de Medicina) mostra que pelo menos 25 estrangeiros trabalham em postos de saúde de prefeituras ou nos hospitais do estado sem o registro obrigatório da entidade. Esses médicos – na maioria peruanos e bolivianos – são considerados clandestinos pelo CRM pois foram contratados sem revalidar seus diplomas em uma universidade brasileira” (*Folha de São Paulo*, 08/01/2001, p. C6).

“Desde o último mês de maio, Oldham, Burney e Bradford têm sido palco de intensos conflitos raciais, que envolvem rapazes de raízes asiáticas - filhos de imigrantes indianos, paquistaneses e bengaleses – e brancos (*Folha de São Paulo*, 15/07/2001).

É por meio desses mesmos dispositivos de nomeação que as mídias, a partir de uma essencialização do étnico e da nacionalidade, operam a reafirmação e (re)atualização de estereótipos culturais, como o do “Brasil hospitaleiro”, o “dos imigrantes brasileiros que se dão bem no exterior”, ou o “do êxito dos descendentes de asiáticos no Brasil em relação aos de outras etnias”.

“Muitos bolivianos vão tentar a vida na Argentina ou no Chile, países de economia sólida, mas boa parte prefere o Brasil. Segundo estudos feitos com imigrantes, o Brasil acaba sendo um destino atraente porque alia dois fatores principais: oferece oportunidades para quem quer ganhar dinheiro e não é xenófobo. Identifica-se no país mais preconceito regional, de brasileiros do Norte ou Nordeste contra brasileiros do Sul ou Sudeste, e vice-versa do que propriamente contra o estrangeiro. O Brasil é tido como uma nação hospitaleira. O imigrante pode ter dificuldade de deixar-se absorver, mas seus filhos e netos tornam-se brasileiros com certa facilidade” (*Revista Veja*, 25/08/1999, p. 108).

“Os sul-americanos, entre eles os brasileiros, que vivem nos Estados Unidos têm um nível de vida mais próximo do dos norte-americanos nativos do que do de outros estrangeiros e mesmo do que do nível geral dos imigrantes no país. A conclusão é do estudo parcial divulgado nesta semana pelo Escritório do Censo dos EUA, conforme dados coletados em março de 2000 no país inteiro. Dos 28,4 milhões de estrangeiros estimados nos EUA, cerca de 6,6% (ou 1,87 milhão) vêm da América do Sul. Ainda não há dados sobre quantos são os imigrantes brasileiros. Mas o Consulado do Brasil em Nova York, responsável pelos estados de Nova York, Nova Jersey, Connecticut, Delaware e Pensilvânia, estima em 300 mil os brasileiros vivendo nessa circunscrição” (Folha de São Paulo, 06/01/2001, p. A7).

“No último vestibular da Fuvest, que organiza o vestibular da USP, Unifesp e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, a taxa de aprovação de quem definiu sua cor como amarela nos questionários socioeconômicos foi de 11%. Esse índice é quase o dobro do dos brancos, que tiveram uma taxa de 6,6% dos candidatos inscritos. O desempenho dos estudantes de origem asiática também é bem superior ao dos negros e pardos, que aprovaram, respectivamente, 2,6% e 4% dos inscritos [...] Para especialistas consultados pela Folha, a explicação para o bom rendimento dos asiáticos no vestibular está na cultura dos imigrantes vindos de países como Japão, China e Coreia e nas características da imigração.” (Folha de São Paulo, 15/04/2001, p. C7).

As cifras são outro dos dispositivos retóricos recorrentes na cobertura sobre a imigração no campo midiático, servindo menos para apontar compreensão sobre um fenômeno de caráter sociocultural e mais para a produção de um ambiente que, como refere Fausto Neto em seu estudo sobre a AIDs, “repousa sobre a instalação do pânico,”⁸ em perspectiva similar ao que Teun van Djik define como a “semântica do pânico”, instaurada na cobertura dada à imigração pela imprensa dos Países Baixos⁹.

Pelo “baile das cifras”, muito conhecido quando se trata de informações relativas a imigrantes¹⁰, a vivência da imigração, suas consequências e repercussões sociais são aferidas, pela mídia brasileira, via registros estatísticos, índices comparativos, taxas de mercado, variações anuais, etc., contribuindo para a construção de um enquadramento objetivo e conclusivo da experiência imigratória, constituído de avalia-

ções e prognósticos sobre o fenômeno. A quantificação da imigração acaba contribuindo, em grande medida, para o predomínio de uma perspectiva econômica na compreensão do fenômeno e para uma redução de ofertas de leitura que dizem respeito à imigração como experiência sociocultural, conforme indicam os trechos de matérias reproduzidos a seguir:

“Não há cálculos confiáveis sobre quantos estrangeiros vivem em situação ilegal no Brasil. Apenas como ordem de grandeza, pode-se trabalhar com a estimativa de 80.000 pessoas” (*Veja*, 25/08/1999, p. 108).

“Há um cálculo recorrente entre eles sobre o total de bolivianos em São Paulo: pelo menos, 70 mil. Os mais exagerados falam em 100 mil pessoas” (*Folha de São Paulo*, 15/07/2001).

“A ONU calcula que a União Européia será obrigada a trazer 35 milhões de trabalhadores de fora de suas fronteiras” (*Revista Veja*, 12/1/2000, p. 118).

“Existe um cálculo de que há 350 mil brasileiros no território paraguaio e que pelo menos 190 mil têm problemas com documentação” (*Zero Hora*, 18/03/2001, p. 39).

“Os Estados Unidos estão passando pela segunda onda de imigração em sua história [...] Hoje mais de 28 milhões de imigrantes legais e ilegais vivem nos Estados Unidos, três vezes mais do que há 30 anos” (*Folha de São Paulo*, 06/01/2001, p. A7).

“Oito dias depois do início do processo de legalização de imigrantes em Portugal, somente 276 dos 20 mil brasileiros que vivem no país regularizaram sua situação [...] As associações de imigrantes calculam que o número de clandestinos no país chegue a 100 mil, entre eles 20 mil brasileiros” (*A Crítica*, 02/02/2001).

“Além de carro, vinho, petróleo e componentes, o Brasil está se transformando em grande importador de mão-de-obra. De janeiro a agosto, 9.579 estrangeiros entraram no país para trabalhar, mais do que o dobro quando se compara com igual período de 99 (4.695). Levando-se em conta também a entrada de artistas e esportistas acrescentam-se ao número desse ano mais 2.178 pessoas, e ao do ano passado, mais 2.090 [...]” (*Folha de São Paulo*, 18/10/2000, p. B11).

A larga incidência de índices e taxas estatísticas ganha reforço com o predomínio das fontes oficiais convocadas a falar sobre a imigração, em detrimento do resgate das vozes e das experiências protagonizadas pelos atores sociais no “mundo vivido” da imigração,

de acordo com a tendência observada nas mídias analisadas. A visibilidade das subjetividades envolvidas na experiência da imigração, dos imigrantes de “carne e osso” dá lugar aos porta-vozes oficiais, representados por policiais, autoridades de imigração, diplomatas, ministros, políticos e acadêmicos.

“Em entrevista coletiva, o superintendente da polícia de Manchester, Eric Hewitt, rebateu críticas e disse que seus homens vão continuar com a política de ‘tolerância zero’ [...] Os incidentes em Oldham colocaram a imigração e a tolerância racial no centro do debate eleitoral. O premiê trabalhista Tony Blair, candidato à reeleição, disse que os confrontos não são típicos das relações inter-raciais na sociedade britânica. ‘A ampla maioria das pessoas quer viver em paz e harmonia com o outro’, disse Blair, em evento de campanha.” (Folha de São Paulo, 29/05/2001, p. A9).

“A Polícia Federal prendeu em flagrante um casal que pretendia embarcar seis chineses para os Estados Unidos utilizando passaportes falsificados, na noite da última quinta-feira, no Aeroporto Internacional Tom Jobim (zona oeste do Rio). O chinês naturalizado argentino Jia Yong, 28, e a brasileira Elisângela Proença dos Passos, 26, de acordo com a Polícia Federal, podem ser integrantes de uma quadrilha especializada de imigração ilegal. Há também a suspeita de que eles tenham ligação com a máfia chinesa. Segundo a PF, uma semana antes do dia da viagem, o casal entrou em contato com um fiscal da Polícia Federal e ofereceu US\$ 1,5 mil pela facilitação do embarque de cada chinês.” (Folha de São Paulo, 14/04/2001, p. C6)

Nas editorias de opinião e suplementos de cultura, onde a imigração emerge com maior ênfase como dinâmica e problemática sociocultural, também registra-se, no que se refere às fontes, um apagamento das marcas identitárias de imigrante em prol das identidades do especialista. No *Caderno Mais*, da Folha de São Paulo, o pensador francês Jacques Derrida tem unicamente sua condição de filósofo evocada para falar de ética e solidariedade, enfatizando a presença de imigrantes no âmbito dos estados-nação. “Pensador francês de origem argelina” é a única referência da matéria à experiência de Derrida com a imigração, embora a entrevista seja permeada por uma abordagem mais “humanizada” do fenômeno, conforme sugere o trecho a seguir.

“Como o sr. observou, compartilho com outros a preocupação da hospitalidade e as notícias sobre o drama dos estrangeiros, dos imigrados, dos exilados. Tento pensar uma hospitalidade incondicional que não esteja ligada à cidadania. Existem leis da hospitalidade ligadas à cidadania; Kant, por exemplo, quando fala do tratado universal, pensa numa hospitalidade de cidadão para cidadão”. (*Folha de São Paulo 27/05/2001, p. 34*)

Ariel Dorfmann, argentino de nascimento, naturalizado chileno e morador dos Estados Unidos, é igualmente “desvestido” de sua condição de imigrante e convocado como escritor, em entrevista à editoria *Mundo*, da Folha de São Paulo, para se referir ao problema da imigração ilegal nos Estados Unidos, em uma abordagem sobre a criatividade e humor do povo latino-americano como chave para o desenvolvimento da região no século 21.

Embora identificado como descendente de japoneses, em matéria na Editoria *Cotidiano*, da Folha de São Paulo, sobre o êxito alcançado no vestibular da Fuvest por estudantes descendentes de asiáticos, o psicólogo Francisco Hashimoto, da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Assis, é autorizado pelo jornal a “falar sobre a imigração” do lugar de pesquisador que defendeu dissertação de mestrado e tese de doutorado sobre o tema.

“Hashimoto afirma que a valorização da educação nas famílias e a conseqüente dedicação aos estudos é o que faz a diferença na hora da disputa por uma vaga. ‘O que diferencia os asiáticos dos demais grupos é a dedicação aos estudos. Não concordo com a tese de que haja diferença entre as etnias, de que uma seja mais capaz do que a outra’, diz” (*Folha de São Paulo, 15/04/2001, p. C7*)

Em contrapartida, a uma “oficialidade” das fontes, privilegiada pelas mídias via essencialmente as falas dos acadêmicos e dos jornalistas, sobretudo nos espaços reservados à opinião, vai sendo tensionado um conjunto de leituras essencialmente economicistas sobre a imigração por “modos de dizer” que contemplam a perspectiva sociocultural que atravessa o fenômeno migratório contemporâneo, o que acaba possibilitando reflexões sobre a complexidade e as contradições de uma interculturalidade que se impõe, cada vez mais, via imigração, no contexto da sociedade global.

“[...] Tal como se faria em Porto Alegre, Sinha afirmou que ‘o meio ambiente está em perigo pelo modo de vida das pessoas que vivem no Norte.’ E reclamou das políticas de ‘imigração’ dos países ricos, desenhadas, segundo ele, para aspirar cérebros do Sul subdesenvolvido. Citou, a propósito, o fato de que 38% de todos os portadores de títulos de doutor nos Estados Unidos são indianos, para uma explosão de aplausos da platéia. ‘O Sul está pedindo ao Norte um acordo justo, não caridade’, fechou o ministro indiano” (*Clóvis Rossi, enviado especial a Davos, em matéria na editoria Brasil intitulada “Davos abre ataques contra a globalização. Folha de São Paulo, 26/01/2001, p. A9*).

“No capitalismo que vigorou até a década de 80, havia mercados nacionais de trabalho, ainda que segmentados. O trabalho hoje é um recurso global, mas não há um mercado global de trabalho. Há liberdade de movimento para produtos e serviços, mas não para os trabalhadores. Sou adepto das fronteiras abertas para a imigração. A posição é radical, mas penso que na Europa é necessário defendê-la. Não temos direito a privilégios quando o resto do mundo morre de fome” (*Sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, em entrevista à Editoria Brasil, da Folha de São Paulo, 21/05/2001, p. A7*).

Outro exemplo de embate produzido pelas vozes especialistas é a controvérsia sobre os efeitos da latinização dos Estados Unidos provocada pela imigração, publicada em matéria do Caderno *Mais*, da Folha de São Paulo, sob o título de “A nova antropofagia”. A polêmica travada entre o lingüista mexicano Ilan Stavans, professor da Universidade Amherst, em Massachusetts, e o professor de história da Universidade do Estado de Nova York, Mike Davis, é representativa do quanto o campo midiático vai refletindo as disputas de sentido sobre o significado sociocultural das imigrações disseminadas em diferentes campos sociais.

“Por tudo isso, defende Stavans, o impacto do spanglish ‘é inevitável’ e, com a hispanização, irá ‘nos forçar a reconsiderar a história dos EUA de maneiras ainda não imaginadas’ [...] Para Stavans, ao tomar de empréstimo elementos do espanhol e do inglês para criar uma nova forma de expressão, o spanglish acaba interferindo diretamente na morfologia e na sintaxe de ambas as línguas, como na oração ‘voy a shopear soquetas a la marketa’ [...] “Marxista de formação, Davis tem

uma visão orgânica da chamada 'latinização dos EUA' que o opõe em vários aspectos ao culturalismo de Ilan Stavans. Para Davis, há questões de fundo econômico e social que simplesmente banem a maior parte dos hispânicos dos benefícios da sociedade americana. Ele cita o elevado índice de imigrantes latinos que abandonam os estudos, 'um escândalo nacional', a resistência cada vez maior ao ensino bilíngüe nas escolas, oficializado na polêmica Proposição 227 e defendido pelo movimento 'English Only', e à chamada ação afirmativa que prevê, por exemplo, reserva de vaga para minorias nas universidades. Davis também relativiza, com estatísticas, a entusiasmada defesa da miscigenação feita por Stavans: metade dos casamentos inter-raciais nos Estados Unidos se realiza entre os próprios hispânicos".

Dinâmica similar de "humanização" da experiência vivenciada pelos imigrantes institui-se via o caráter de "testemunhalidade" que assumem as reportagens locais ou de enviados especiais que, por meio por exemplo, da construção de "perfis humanizados" recolhem as vozes imigrantes em seus contextos, ainda que não sejam numericamente tão significativas e que muitas delas recorram, além disso, à dramatização como recurso de ressemantização, por exemplo, das imigrações internas vigentes no contexto brasileiro. O próprio potencial de intervenção de representantes de organizações de imigrantes, cujas vozes, mesmo que timidamente, desembocam no espaço midiático, instauram negociações em torno das representações sobre a imigração construídas pelas mídias.

"De acordo com os colonos, os problemas surgem porque os guardas querem propinas. Para resolver a situação, Werber lota um ônibus de agricultores e vai até Assunção uma vez por semana. [...] Os resultados são tímidos. Mas há esperança em uma melhora – aposta. Brasiguaios mais abastados são os mais prejudicados. Porque deles é exigida uma parte da safra como pagamento da propina para não serem expulsos do país. Um deles disse o seguinte: - Aqui é assim: nós ganhamos dois guaranis (moeda nacional paraguaia), e os corruptos nos tiram quatro. Este é o Paraguai, um país ingrato com quem trabalha" ("*Brasiguaios submetidos à extorsão*" – *Zero Hora*, 18/03/2001, p. 39).

"Onze horas da manhã de domingo e eles já começam a montar suas barracas ao redor da praça Padre Bento, no centro do bairro do Pai, região central de São Paulo. O cheiro do tempe-

ro picante da comida típica toma conta do ar, assim como o som do grupo Kjarkes, o sucesso do momento nas emissoras de rádio em La paz, a capital da Bolívia. Os bolivianos, com ou sem documento legal, estão chegando para o seu sagrado encontro dominical [...] Eles contam que há sempre um novo boliviano chegando a São Paulo com a mudança, com a mesma esperança de melhorar de vida. Se for pobre, seu primeiro passeio será a feira da Padre Bento, uma espécie de embaixada. Depois vem a mulher, a criança, a sogra, a mãe ... e o número nunca pára de crescer. 'Houve épocas em que fazíamos aqui um campeonato de futebol com 20 times bolivianos', conta um deles" (*Praça de SP vira 'embaixada da Bolívia', Folha de São Paulo, 15/07/2001*).

Por meio desse embate de sentidos, a esfera midiática acaba possibilitando reflexões sobre uma imigração que, como postula Enzensberger, ao analisar o caso da Alemanha, não mobiliza apenas a xenofobia, mas também e, paradoxalmente, posturas contrárias. A perspectiva moralizadora que envolve a defesa dos imigrantes em torno de lemas como *Estrangeiros: não nos deixem sós com os alemães!* ou *Nunca mais Alemanha!* conduzem à idealização da população imigrante e a uma inversão da tradicional polarização que envolve a presença estrangeira naquele país. "Levada a seus extremos, a inversão do preconceito pode desembocar na discriminação da maioria"¹¹, destaca o autor. Conduzido ao campo midiático, a dualidade vítima-vilão que atravessa o debate público sobre a imigração ganha visibilidade quando as falas dos imigrantes emergem para disputar espaço no corpo das mídias com as falas sobre a imigração, de autoridades e especialistas.

Três perspectivas estão implicadas nesse entendimento das falas imigrantes ou do migrante como ator social em suas inter-relações com o agendamento sobre os fenômenos migratórios contemporâneos no campo midiático e que interessa especialmente ao projeto de pesquisa no qual se inscreve este artigo.

1. A própria experiência imigratória está estruturada e atravessada pela vivência dos imigrantes com as mídias, seja via representações que esses atores dispõem para a construção de suas próprias culturas e identidades e sobre as culturas com as quais estabelecem contato e instituem negociações como fruto da sua condição de imigrante, seja pela própria relevância que assumem os meios de comunicação nas táticas de inserção dos imigrantes em distintos contextos

culturais. Ou seja, a mídia converte-se em dispositivo pedagógico “orientador” das direções e lugares de imigração, assim como da inserção dos imigrantes em distintos contextos culturais e de sua circulação pelos distintos mapas urbanos¹².

2. Pelas especificidades de sua circulação por distintas dinâmicas culturais, os imigrantes são portadores por excelência de experiências interculturais, constituindo-se em produtores de sentido e mediadores privilegiados para as (re)atualizações e negociações de marcas e estereótipos culturais, à medida que protagonizam um intenso e fluído processo de circulação de imagens e representações e de práticas culturais híbridas, envolvendo suas culturas de origem e as das sociedades “receptoras”.

3. As microestratégias cotidianas instituintes e instituídas que apontam para o potencial de intervenção, mais ou menos organizados, dos imigrantes nas lógicas e dispositivos do campo midiático, na perspectiva do estabelecimento de negociações em torno das representações e construções sobre a imigração construídas pelas mídias. Exemplo são organizações, como o Centro Ítalo-Brasileiro de Acolhida ao Imigrante (CIBAI), com sede em Porto Alegre, que mantêm publicações em português, espanhol e italiano dirigidas às populações migrantes.

Do percurso metodológico em construção

Com base nessa análise preliminar das ofertas de sentido sobre a imigração na mídia impressa, o percurso metodológico de nossa pesquisa vem se constituindo a partir de três eixos básicos, como fundamento para a compreensão das estratégias de mediação e das falas imigrantes no contexto brasileiro.

O primeiro desses eixos se constitui via continuidade da análise discursiva apresentada parcialmente neste artigo, a partir da constituição de um corpus de mídias impressas de distintas regiões brasileiras, compreendendo os jornais Folha de São Paulo (SP), O Globo (RJ), Zero Hora (RS), Diário Catarinense (SC), Correio Braziliense (DF), Jornal da Tarde (BA), A Crítica (AM) e a Revista Veja. Em um segundo eixo ou etapa, serão agregadas entrevistas em profundidade com produtores de textos midiáticos sobre as imigrações, publicados em distintas editorias da mídia impressa, incluindo aqueles que atuam nas editorias internacionais, nos cadernos de cultura, nas editorias de esporte, assim como repórteres e enviados especiais encarregados da

produção de reportagens sobre as imigrações. As perspectivas a serem exploradas nas entrevistas com os produtores derivam das próprias especificidades inicialmente mapeadas acerca do processo de midiática da imigração nos meios impressos, dentre as quais destacam-se os conhecimentos e interpretações desses produtores sobre as dinâmicas econômicas e socioculturais que envolvem globalização e a constituição de mercados regionais como o Mercado Comum Europeu e o Mercosul; as apropriações e leituras sobre os processos contemporâneos da imigração; as trajetórias profissionais na cobertura jornalística de experiências ou eventos em que estejam implicadas as noções de exclusão e cidadania; as dinâmicas identitárias desses produtores, incluindo as posições de classe, etnia, gênero, origem; as rotinas produtivas, as lógicas institucionais e as ideologias profissionais em que estão envolvidos os produtores.

Em uma terceira etapa do percurso metodológico, prevemos a realização de histórias de vida, com uma amostra de imigrantes protagonistas de algumas das experiências contemporâneas de imigração representadas na mídia impressa, na perspectiva de identificar e analisar as interfaces entre agendamento midiático e práticas socioculturais vivenciadas e as estratégias construídas cotidianamente por esses imigrantes. Serão privilegiadas experiências de imigrantes oriundos do Mercosul e de outros países latino-americanos, estabelecidos ou em circulação nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. O predomínio de falas “autorizadas” sobre os imigrantes, em detrimento das “falas imigrantes”, como uma das marcas do processo de midiática das imigrações, é o que inspira o resgate de vozes representativas de um protagonismo cotidiano daqueles que vivem cotidianamente a experiência da imigração. A história de vida adequada à captura das estratégias de atores sociais implicados nas inter-relações mídia e imigração, por se constituir em um método que possibilita estabelecer relações operacionais entre conteúdo subjetivo e história social, de um lado, e, de outro, entre um conteúdo mais universal, expresso nas trajetórias vividas e narradas (valores comuns), e a presença de determinadas constantes estruturais e históricas da sociedade investigada¹³. Essa etapa inclui ainda uma aproximação com as organizações imigrantes, como o CIBAI e a Pastoral do Imigrante, na perspectiva de entender o papel que desempenham como tensionadoras do campo midiático, na disputa de sentidos para visibilização pública de uma agenda em torno das questões migratórias.

Abstract

The article presents some considerations aiming at the comprehension of the processes of meaning production concerning the experience of immigration by Brazilian printed media as marked by the specific characteristics adopted by contemporary immigration phenomena. Working from the inter-relationships between mediatization processes, the migratory experience and interculturality, this article develops an initial mapping and a discourse analysis of the enunciation strategies of immigrations and of the immigrant expressions through a study of a sample of printed Brazilian media. These are partial reflections that are part of a research project, the objective of which is to analyse the construction of meaning about immigration as proposed by the printed media in its interface with the socio-cultural dynamics and practices of the everyday life of distinct categories of immigrants in the Brazilian context and of organizations dedicated to working with immigration.

Keywords: media, immigration, interculturality

Notas

1. GARCIA CANCLINI, Néstor. *América Latina entre Europa y Estados Unidos: mercado e interculturalidad*. Halle (Alemanha), 1998 (Conferência apresentada no II Congresso Europeo de Latinoamericanistas). p. 7.

2. AUGÉ, Marc. *Hacia una antropología de los mundos contemporaneos*. 2ª ed. Barcelona: Gedisa, 1998, p. 25.

3. HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Porto Alegre: DP&A, 1997, p.88.

4. VAN DIJK, Teun A. *Racismo y análisis crítico de los medios*. Buenos Aires: Paidós 1997.

5. Integram essa amostra os jornais Folha de São Paulo (SP), Zero Hora (RS), A Crítica (AM) e Revista Veja.

6. PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso*. São Paulo: Hackers, 1999. p.8

7. Ibidem. p. 27.

8. FAUSTO NETO, Antonio. *Comunicação e mídia impressa: estudos sobre a AIDS*. São Paulo: Hacker, 1999. p. 52.

9. VANDJIK, Teun A.. p. 101-123.

10. Constatação feita por Van Djik em um de seus estudos.

11. ENZENSBERGER, Hans Magnus. *La gran migración*. Barcelona: Anagrama, 1992. p. 58.

12. No caso da Bolívia, jornais como o Diário de la Paz publicam ofertas de anúncios de emprego em tecelagens de São Paulo.

13. MARRES, Jacques Leon. História de vida e método biográfico. *CADERNOS de Sociologia – Metodologias da Pesquisa*. Porto Alegre, v. 3, nº 3, p. 89-141, jan./jul. 1991.

Referências

- AUGÉ, Marc. *Hacia una antropología de los mundos contemporaneos*. 2. ed. Barcelona: Gedisa, 1998.
- BOURDIEU, Pierre (Coord.). *A miséria do mundo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. *La gran migración*. Barcelona: Anagrama, 1992.
- FAUSTO NETO, Antonio. *Comunicação e mídia impressa: estudos sobre a AIDS*. São Paulo: Hacker, 1999.
- FENÔMENO migratório no limiar do 3º milênio: desafios pastorais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- GARCIA CANCLINI, Néstor. *La globalización imaginada*. Buenos Aires: Paidós, 1999.
- GARCIA CANCLINI, Néstor. América Latina entre Europa y Estados Unidos: mercado e interculturalidad. In: CONGRESSO EUROPEO DE LATINOAMERICANISTAS, 2., 1998, Halle, Alemanha. *II Congresso Europeo de Latinoamericanistas*. Halle, Alemanha, 1998. p. 7.
- GHORRA-GOBIN, Cynthia. "Du melting pot au multiculturalisme: l'impératif d'une communication intégrant le spatial." *QUADERNI: La revue de la communication*, n. 22, hiver, 1994.
- GOLDBERG, David Theo. Introduction: Multicultural Conditions. In: _____. *Multiculturalism: a critical reader*. Bacwell, Oxford, 1997. p. 1-41.
- GRIMSON, Alejandro (Comp.). *Fronteras, naciones e identidades: la periferia como centro*. Buenos Aires: Ciccus/La Crujía, 2000.
- GRIMSON, Alejandro. Nacionalidad y nacionalismo en un puente bloqueado. Contrastes periodísticos en la frontera argentino-paraguaya. *Estudios migratorios latinoamericanos*, Buenos Aires, v. 1, n. 40/41, p.511-537. 1998/1999.
- HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Porto Alegre: DP&A, 1997. p.88.
- HANNERZ, Ulf. *Conexiones transnacionales*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998.
- IANNI, Octavio. A racialização do mundo. *Tempo Social - Revista de Sociologia da USP*. v. 8, n. 1, p. 1-23, maio 1996.
- JENSEN, K. B.; JANKOWSKI (Eds.). *Metodologias cualitativas de investigación en comunicacion de masas*. Barcelona: Bosch, 1993. p. 57-91.
- LAMO ESPINOSA, Emilio. (Ed.). *Culturas, estados, ciudadanos*. Una aproximación al multiculturalismo en Europa. Madri: Alianza Editorial, 1995.
- LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2001.
- MALGESINI, Graciela; GIMÉNEZ, Carlos. *Guía de conceptos sobre migraciones, racismo e interculturalidad*. Madrid: La Cueva del Oso, 1997.
- MARRE, Jacques Leon. História de vida e método biográfico. *Cadernos de Sociologia: metodologias da pesquisa*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 89-141, jan./jul. 1991.
-
- Comun. Inf.*, v. 4, n. 1/2, p.11-32, jan./dez. 2001

PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hacker, 1999.

SCHNAPPER, Dominique. Modernidad e aculturaciones: a propósito de los trabajadores emigrantes. In: TODOROV, Tzvetan et al. *Cruce de culturas y mestizaje cultural*, Madrid: Júcar Universidad, 1988. p. 173-205.

TOURAINÉ, Alain. *Podremos vivir juntos? Iguales y diferentes*. Madrid: Editora PPC, 1997.

VAN DIJK, Teun A. *Racismo y análisis crítico de los medios*. Buenos Aires: Paidós, 1997.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. *Diálogos de la Comunicación*. Lima: Felafacs, p. 9-17, out. 1997.